

ADRIANA, ANDRÉ & NUNO

DIÁLOGOS

Adriana Boff, diretora do MAC RS, e o artista Nuno Ramos, responsável pela primeira exposição da nova sede do museu, mantiveram contato durante as enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul em maio de 2024.

O vínculo entre ambos e o impacto do desastre motivaram a vinda do artista a Porto Alegre, onde percorreu áreas atingidas ao lado da equipe do MAC RS e do curador André Severo. As conversas revelam camadas de afeto, impacto e reflexão diante da realidade vivida.

Apresentamos aqui um trecho desses diálogos entre Adriana, André e Nuno.

A obra de Nuno Ramos citada por Adriana é *Ai, pareciam eternas!* (3 Lamas), apresentada em 2012 na Galeria Celma Albuquerque, em Belo Horizonte. A instalação reproduzia em escala real três casas onde o artista viveu, imersas em tanques de lama, evocando memórias afetivas. A lama, elemento simbólico, representava tanto a instabilidade quanto a potência transformadora da memória. Agora, no MAC RS, a obra ganha novo título e novos sentidos.

© Viva Foto



Adriana Boff: Nuno, você lembra quando me ligou em maio? A cidade ainda estava tomada pela água...

Nuno Ramos: Lembro sim. Foi difícil acompanhar à distância. Cada imagem era um choque.

AB: A primeira coisa que você disse foi: "isso é inacreditável". E depois: "isso é uma obra". Mas não no sentido de registrar, né?

NR: Exato. Não era sobre representar a tragédia, mas tentar estar presente. A arte, às vezes, é o único jeito de falar sobre o que não dá pra explicar.

Começamos a trocar imagens, relatos... Tua vivência me deu um ponto de vista e um ponto de partida.

AB: Você repetia sempre: "são conjuntos, Adriana, não objetos isolados" (sobre as imagens dos imóveis afetados).

NR: A situação criou formas, restos, estruturas novas... Ver aquelas casas partidas ao meio me marcou muito. Lembrei da obra *Ai, pareciam eternas!*

AB: As três casas de 2012... Com as enchentes, a obra mudou de sentido.

NR: Mudou. Era pessoal, virou coletivo. Deixou de ser só sobre minhas lembranças e passou a falar de tantas perdas. As casas agora carregam o impacto do momento. Não é uma exposição sobre a enchente, mas sobre o que permanece depois dela.

André Severo: Nuno, conheço tua obra há mais de trinta anos – uma trajetória que marcou profundamente minha geração, tanto pela contundência de seus gestos quanto pela potência com que interpela o sensível. Sempre houve, no teu trabalho, um ato inaugural, quase sísmico – e aqui não é diferente. Tive a chance de montar obras tuas nos tempos em que atuava na coordenação de montagem, mas nunca havia assumido a curadoria da tua produção – o que é um desafio e uma alegria. Na galeria, vemos uma

casa de mármore, uma de granito e outra de areia, nas cores branca, preta e marrom, respectivamente. Antes, evocavam momentos distintos da tua vida. Agora, em Porto Alegre, após as enchentes de 2024, o que elas passam a significar? O que nelas se transforma, o que permanece, o que ressoa?

NR: Elas apontam para nossa fragilidade, André. São marcos de algo interrompido. Ao mesmo tempo, ajudam a lembrar. Funcionam como registros do que ficou e do que foi perdido.

AS: Ao olhá-las agora, me questiono se se tratam de ruínas ou formas de permanência.

NR: Acho que são as duas coisas. São estruturas que carregam tempo. Aqui, com tantas marcas ainda visíveis na cidade, elas ganham outro peso. Tornam-se testemunhas.

AS: Você disse que a exposição também fala de recomeço...

NR: Sim, há uma tensão. As casas estão paradas, mas não inertes. Falam de interrupção, mas também de continuidade possível. Ainda existe o gesto, e isso diz muito.

AS: E você fez questão de não idealizar a reconstrução.

NR: A obra não nega o que aconteceu. As casas estão firmes, mas marcadas. Não propõem apagar o trauma, mas reconhecer que ele está ali. E, mesmo assim, há movimento – não o mesmo de antes, mas algum. Talvez a arte não dê respostas, mas ajuda a continuar.

GOVERNADOR DO RIO GRANDE DO SUL
EDUARDO LEITE

VICE-GOVERNADOR DO RIO GRANDE DO SUL
GABRIEL SOUZA

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
EDUARDO LOUREIRO

SECRETÁRIO ADJUNTO DE ESTADO DA CULTURA
FABIAN THOMAS

DIRETORA DE ARTES E DE ECONOMIA CRIATIVA DA SEDAC
GERMANA KONRATH

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RS

DIRETORA
ADRIANA BOFF

EDUCATIVO
DANIELE ALANA (COORDENAÇÃO)
JOANA CUSTODIO
JULIA BUIATE

ADMINISTRAÇÃO
PEDRO FELIPE CÉZAR (COORDENAÇÃO)
RICHARD DANIEL DA SILVA OTTO

COMUNICAÇÃO
ALINE COSTA (COORDENAÇÃO)
BETINA LIMA
GIOVANA BRANDO
HELENA MARZONA SCHARLAU

PRODUÇÃO
THIAGO ARAÚJO (COORDENAÇÃO)
CLAUDIO HONORATO
KEROLYN ALMEIDA
NAZÚ RAMOS

ACERVO
MEL FERRARI (COORDENAÇÃO)
FERNANDA FELICIANO
GIORDANO ALVES MENDES
GIOVANNI ALVAREZ RAMOS
MARIANA DA SILVA CHRISTSMANN
RODRIGO DA SILVA MENDES

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MAC RS

PRESIDENTE
MARIA FERNANDA DE LIMA SANTIN

DIRETORA ADMINISTRATIVA
ANA GUERRA

DIRETORA INSTITUCIONAL
JAQUELINE BELTRAME

DIRETOR FINANCEIRO
LUIS WULFF JUNIOR

DIRETOR DE CAPTAÇÃO E COMPLIANCE
FABIANO MACHADO ROSA

DIRETOR DE MARKETING
MANOEL PETRY

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO
MÔNICA KANITZ

CONSELHO FISCAL
ADRIANA GIORA
MARCIO CARVALHO
MAURO FRANCISSCO DORFMANN

Lei Rouanet

Incentivo a Projetos Culturais

Patrocínio master

Patrocínio bronze

Apoio

itaú

VULCABRAS



TRINCA



ALIBEM

Realização











Apresentar é tornar visível

Toda casa está em algum lugar. Antes de ser abrigo, ela é ponto em um mapa. Mesmo quando muda de forma ou desaparece da paisagem, continua, como ruído, memória, vestígio.

Na nova sede do Museu de Arte Contemporânea do RS, no 4º Distrito, a instalação de **Nuno Ramos** apresenta três casas de mármore, uma preta, uma branca, uma preta e uma marrom, enterradas na lama. São réplicas das casas onde o artista viveu: infância, adolescência e vida adulta. Transportadas para outro bairro, ganham novo sentido. **Escutam o solo, transformam o Museu em travessia**.

4º Distrito é um território em constante transformação. Sua paisagem urbana carrega marcas do tempo, da indústria, das águas, das mudanças que moldam o presente. As casas de Nuno parecem perguntar: o que guardamos? O que ainda resiste, mesmo sem formar? A partir desse gesto, nasce este convite: escutar o lugar onde você vive e criar um mapa afetivo, registrando o percurso em um diário de bordo.

O que é um mapa afetivo? É uma forma de representar o território a partir da experiência, não pela exatidão, mas pelo que nos afeta. Não mostra ruas, memórias. Mostra ruídos, cheiros, encontros, vazios. Um banco, uma árvore, um medo, uma lembrança.

É o diário de bordo? É um caderno de travessia. Nela, cabem palavras, rabiscos, folhas secas, frases soltas... Não precisa ser bonito, só precisa ser seu. Um espaço seu onde a cidade entra.

Roteiro para criar sua cartografia

1. Escute onde está. Feche os olhos. Respire. O que você ouve? Cheira? Sente? Comece a anotar — palavras, símbolos, desenhos.

2. Caminhe com atenção. Com o caderno em mãos, vá até a rua. Caminhe devagar. Registre: um cheiro, uma cor, uma ausência, algo que te tocou. Pode ser desenho, colagem, esquema, palavras soltas. Marque onde algo te **Desenhe seu mapa.** Ao voltar, olhe suas anotações. Transforme em mapa. Ao voltar, olhe suas anotações. Transforme em mapa.

Esses mapas são seus. Mas eles também participam da memória viva dos territórios. Assim como Nuno trouxe suas casas ao Museu, você também carrega histórias onde passa. Cada ponto que você registra é uma escuta que persiste. O Museu é ponto de partida. O corpo também é território. E o mapa? É tempo, afeto, presença.

Como a própria palavra sugere, apresentar é tornar algo visível, dar a como acontece com a própria obra de Nuno Ramos.

Nesse primeiro momento, apresentamos o Nuno que nos cabe, o Nuno possível de ser dito a partir de uma trajetória extensa e sólida. Um artista cuja trajetória de produção nos oferece narrativas marcadas pela experiência pessoal: a morada e a perda das casas, que restam apenas como memórias, atravessando sua infância, adolescência e vida adulta. Essas lembranças concretas surgem agora com novas camadas de significação ao se entrelaçarem o território do 4º Distrito de Porto Alegre.

Nada aqui é por acaso. Não é à toa que Nuno Ramos é o primeiro artista a ocupar a nova sede do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul. Não é coincidência que este material, que agora chega às suas mãos, seja também o primeiro produzido pela equipe educativa do MAC RS desde sua criação, há quatro anos. O encontro entre o artista, o Museu e o território são carregados de sentido: um gesto inaugural que marca uma nova fase institucional e que se inscreve num tempo de escuta, reconstrução e cuidado coletivo.

É com essa perspectiva que convidamos você a se aproximar da obra de Nuno Ramos, para que se permita atravessar e ser marcado por ela. Os textos de Nuno Ramos, para quem se permitia atravessar e ser marcado por ela. Os textos e os questionamentos selecionados neste material buscam criar uma porta de entrada para amplas conversas sobre a memória coletiva em movimento de reorganização e reconstrução.

Como utilizar este material?

Este material é destinado a todas as pessoas interessadas em arte contemporânea – do campo das artes ou não. É para quem se encanta com os encontros que nascem dos territórios, para quem valoriza a história da própria cidade e se permite sonhar futuros a partir do presente. Que ele circule: na escola, no museu, na vila, em casa, na rua. Que seja lido, relido, reimaginado. Que inspire usos inesperados, criações livres. Use como quiser – mais adiante, tudo isso fará sentido.

Daniele Alana — Coordenadora do Setor Educativo do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul

A trajetória de Nuno Ramos

Há mais de 40 anos, Nuno Ramos (São Paulo, 1960) desenvolve a sua produção artística a partir de inúmeras maneiras de produzir e de tensionar o mundo. É um dos artistas brasileiros mais importantes da arte contemporânea mundial.

Nos trabalhos de Nuno, camadas, peças e dimensões abrem um plano inédito a ser adentrado pelo público. Em suas pinturas do final dos anos 1980, o artista apresenta trabalhos em grandes dimensões com acúmulo de uma variedade de materiais, com densas camadas de vaselina, parafina, cera e óleo, dando às matérias significados que não estão em suas naturezas.

Em 1983, Nuno Ramos fundou, ao lado de Carli Carvalhosa (São Paulo, 1961), Fábio Miguez (São Paulo, 1962), Paulo Monteiro (São Paulo, 1961) e Rodrigo Andrade (São Paulo, 1962), o ateliê Casa 7. Na década de 1990, Nuno ganhou projeção internacional com o projeto *III*, apresentado pela primeira vez na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre. Em 1993, publica seu primeiro livro, *Cujo*, seguido pelo livro-objeto *Balada*, em 1995. No final da mesma década, passa a produzir esculturas em mármore recoberto com vaselina, nas quais explora a forma metáfrica a materialidade da palavra – como na expressão popular “tirar leite de pedra”.

Os soterramentos, os afundamentos, as inundações e as casas são temas recorrentes em seu trabalho, e já apareceram em suas instalações dos anos 1990, como *Montes* (1994), *Fala Góndi* I (1996), *Duas Casas* (1996), *Maré mobilis* (2000), *Maré cálix* (2000), entre outros. Alguns desses trabalhos foram feitos ao ar livre, compostos juntamente com elementos naturais, como o céu, o mar, as rochas, os solos e o clima. Paralelamente à atuação nas artes visuais, Nuno desenvolve uma consistente trajetória literária, publicando os livros *Pão de Corvo* (2001), *Ensaio Geral* (2007), *O* (2008) e *O Mau Viciário* (2010).

Na instalação *Três Casas*, o artista propõe uma metáfora pungente do estado de colapso e abandono que atravessa a sociedade brasileira, marcada por profundas desigualdades sociais. Nuno desencadeia energias poderosas usando o mármore, o granito, o metal e a areia para falar sobre o abandono, a violência e a morte. O trabalho carrega um peso maior que a própria matéria, buscando comunicar-se com as possibilidades de reconstrução, resistência e esperança.

Fernanda Soares da Rosa — Historiadora, curadora e produtora cultural. Doutoranda e mestra em História, Teoria e Crítica de Arte pelo PPGA-UFRGS

Nuno Ramos – Três Casas

A instalação *Três Casas*, de Nuno Ramos, oferece ao visitante uma experiência reflexiva sobre a fragilidade humana diante da força transformadora da natureza e da passagem inexorável do tempo. Revisitando uma de suas obras mais emblemáticas – exibida uma única vez em Belo Horizonte, no ano de 2012 –, o artista propõe aqui uma reapresentação do trabalho em um contexto em que o pessoal e o universal se entrelaçam.

Moldadas em mármore, granito e areia, as casas surgem submersas em piscinas de lama escavadas no próprio piso da galeria. As diferentes colorações metáforas carregadas de emoção e temporalidade, evocando infância, perda, erosão e permanência. As casas surgem como espectros materiais da memória, oscilando entre ruína e resistência.

Ao ser apresentada no MAC RS no 4º Distrito em Porto Alegre, sede recém-inaugurada em um prédio também atingido pelas enchentes de maio de 2024, a obra ganha contornos ainda mais potentes. A trajetória ambiental ocorrida no Rio Grande do Sul reverbera nas casas afundadas da instalação, transformando uma memória pessoal em metáfora coletiva. A noção de lar, lugar de proteção e identidade é posta em xeque, convertida em imagem da ruína e do desamparo.

A lama, elemento central da obra, carrega densidade simbólica: entre terra e água, ela representa o limiar da forma, o ponto onde tudo pode afundar ou se regenerar. Ao submergir suas casas nesse ambiente denso e ambíguo, Nuno Ramos mobiliza forças que atravessam dor, luto, fertilidade e renascimento.

A instalação também ressoa o poema *Morte das Casas de Ouro Preto*, de Carlos Drummond de Andrade, onde o poeta lamenta a perda das antigas moradas e o apagamento de suas memórias. Como Drummond, Nuno Ramos evoca a tensão entre permanência e desaparecimento, entre o que se conserva e o que afunda com o tempo.

Três Casas transforma o espaço expositivo em território de atravessamento e testemunho: um lugar onde as casas perdidas, vistas ou lembradas, encontram forma sensível e simbólica. Ao articular o íntimo e o coletivo, o passado e a catástrofe recente, Nuno Ramos nos convida a percorrer um trajeto entre o esquecimento e a reconstrução. As casas submersas que o artista recita são também as nossas: as que conhecemos, que vimos surgir, que ouvimos contar e, sobretudo, aquelas que ainda carregamos como promessa de abrigo e recomeço.

André Severo — Curador

O Ministério da Cultura (MinC) e a Secretaria de Estado da Cultura (Sedac) apresentam

NUNO RAMOS

TRÊS CASAS

Curadoria ■ André Severo

SERVIÇOS

Endereços
Sede na Casa de Cultura Mario Quintana
Rua dos Andradas, 736
Centro Histórico
Porto Alegre – RS

Sede no 4º Distrito
Comendador Azevedo, 256
Bairro Floresta
Porto Alegre – RS

Contato
Administrativo:
+55 (51) 98594-8549
mac@sedac.rs.gov.br

Visitação
Tem interesse em visitas mediadas?
Acesse o QR Code

O período de visitação das exposições na sede do MAC RS, na COMO, é de terça a domingo, das 10h às 19h. Há horários disponíveis para mediações durante a semana; agende sua visita!

Na sede do MAC RS, no 4º Distrito, a visitação ocorre de terça a sexta-feira, das 12h às 19h, e aos finais de semana, das 10h às 19h.

As mediações estão disponíveis tanto nos dias de semana quanto nos finais de semana; faça seu agendamento!

Entrada gratuita em ambas as sedes!

Como fazer um zine

Materiais necessários: ■ 1 folha de papel A4 ■ Tesoura

- 1 Dobre a folha ao meio no sentido vertical (como um livro). A folha agora está dividida em 2 partes: frente e verso.
- 2 Dobre ao meio no sentido horizontal. Agora a folha está dividida em 4 partes.
- 3 Dobre novamente ao meio no sentido horizontal. A folha agora tem 8 retângulos iguais. Essas serão as páginas do seu zine.
- 4 Desdobre a folha completamente. Você verá as 8 páginas numerada.
- 5 Com a tesoura, faça um corte na dobra central entre os quadrados 3 e 6. Esse corte vai até o meio da folha, criando uma abertura no centro.
- 6 Com as mãos, dobre a folha ao meio no sentido horizontal (como no passo 2). A abertura feita no meio se expandirá formando uma espécie de cruz ou estrela no centro.
- 7 Empurre as laterais para dentro até formar uma cruz tridimensional. As páginas vão se alinhar automaticamente como um livreto.
- 8 Pressione bem as dobras e feche o zine.